

A identidade da mulher do Século XXI

Antonia Angelina Basanella Utzig*

Introdução

Na construção de uma reflexão sobre este tema, utilizou-se de argumentos definidos por diversos autores, na tentativa de estabelecer uma breve discussão sócia filosófica que perpassa a condição da mulher na atualidade. Apresentamos também uma reflexão teórica à luz dos pressupostos da fenomenologia existencial sobre as escolhas das mulheres. A Reflexão sobre o modo de ser e de se perceber da mulher frente à condição de ser mãe e profissional restabelece a necessidade de investigação dos diferentes modos possíveis do ser da mulher que, por vezes, ocorre se perder no mundo, esquecer-se de si mesma, tornando-se mais uma, e que o seu querer, o seu pensar e o seu fazer está naquilo que o mundo determina que deva ser. Depois da batalha dos sexos travada no século XX, as mulheres tornaram-se mais seguras do seu eu e da sua capacidade de enfrentar o mundo de igual para igual. Não quero dizer que somos contra o sexo masculino, bem pelo contrário. O que queremos é nos tornar parceiras deles em todos os seguimentos.

O livro ‘A Arte da Guerra’ não se trata de batalhas sangrentas, mas sim, de estratégias, combinações para as maiores forças naturais da mulher. Haja vista que muitas mulheres ainda não sabem das suas capacidades, das suas potencialidades. Não somos somente um corpinho bonito e também não fomos feitas somente para reprodução. Somos feitas de emoções, intuições, de razões e de muitas outras qualidades como mãe, amiga, irmã, filha, esposa e profissional.

1 A mulher protagonizando a sua história

A mulher é estrategista nata. Ela usa do bom senso para conquistar o que deseja. No momento que a mulher toma consciência de sua potencialidade enquanto ser, e da possibilidade de transformar-se, o devir com suas incertezas e fragilidade, reconhecendo e demonstrando suas habilidades intrínsecas à sua essência de mulher. Todos os papeis permitem à mulher construir e ser reconhecida

* Professora da Faculdade de Educação de Tangará da Serra - Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau de Santa Catarina.

como responsável pela sua história, onde “as referências para a construção de sua identidade não mais se limitaram aos papéis de esposa e mãe”.¹ O autor ainda fala que:

O sentimento de fragmentação da identidade vinculada à maternidade foi marca distintiva das mulheres desta geração. Se a Maternidade ao mesmo tempo, foi desejada e perseguida como realização pessoal, restringia outros projetos considerados importantes.²

Segundo a citação acima a maternidade era um grande obstáculo para realização de outros projetos. A partir do momento em que as mulheres desempenham mais do que uma atividade profissional e se permitem ter ou não filhos, as tarefas maternas não são mais pensadas como um fardo e sim como um enriquecimento de si mesma. Por tanto a constituição da identidade perpassa não apenas pelas escolhas, mas também pela responsabilidade assumida frente às escolhas.

Ser mulher é ter confiança no amanhã e aceitar o dia de ontem, é desbravar caminhos difíceis em instantes inoportunos e fincar a bandeira da conquista. É saber ser super-homem quando o sol nasce e transformar-se em Cinderela quando a noite chega.

A mulher protagonista de sua história busca entender que ser mãe e profissional faz parte de um processo de vida. Sendo assim, a mulher ao apresentar-se ao mundo, retirando-se do lar como condição única para sua existência, se projeta e se estabelece na relação com os outros e consigo, colocando-se na condição de ser.

Segundo Silva, a identidade é marcada de símbolos, como a marca do calçado que usamos o carro que compramos e assim por diante. Silva também fala que “a identidade é na verdade, relacional, e a diferença são estabelecidas por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades”.³

Vemos que a força da mulher não está no calçado que usa, mas, sim na força de vontade de querer ser e não ter. Quando nos perguntamos quem eu sou, o que eu poderia ser e quem eu quero ser começamos a desvendar o ciclo de entendimento e discernimento do que queremos realmente ser, são perguntas em busca de respostas e estas serão encontradas dentro de nós. A identidade só se clarifica no encontro com outra identidade que, no caso, se transforma em alteridade, em diferença cores e tamanhos. Não importa qual calçado você usa se é

¹ VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 80.

² VAITSMAN, 1994, p. 130.

³ SILVA, T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.14.

um sapatinho de cristal ou botas de combate, desde que seja adequado ao seu sonho.

Cada mulher possui uma beleza física e psíquica original e particular. Cada ser é único não se compare a ninguém, pois cada um de nós é um personagem único no teatro da vida. Somos protagonistas, roteiristas e escritoras do grande espetáculo que é a vida de uma mulher. Nossas memórias não são páginas em branco, talvez tenhamos a síndrome da página em branco, que significa medo de mudança e por isso nos acovardamos e nos acomodamos.

O século XXI veio cheio de proposta de mudanças para as mulheres, fomos à busca da igualdade, porém com isso a sobrecarga feminina aumentou. E com isso hoje em dia temos muitas mulheres com um nível muito alto de estresse. Mas, também temos muitas mulheres que descobriram com o profissionalismo a valorização, e a realização seu próprio eu.

No passado, a mulher era educada para ter poucas aspirações e muita resignação. Aceitar passivamente, silenciar e obedecer era atitudes altamente reforçadas socialmente. As decisões familiares eram tomadas pelos homens da família e deveriam ser acatadas docilmente pelas mulheres. Esse padrão se estendia a grupos sociais mais amplos, como em questões políticas, econômicas, sociais e científicas. Cabia à mulher lidar apenas com as consequências das decisões masculinas sobre suas vidas. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito da ciência.⁴

Todavia, na sua ampla invisibilidade exerce ainda o papel de esposa, de mãe demonstrando uma obediência e submissão, em relação ao marido, uma vez que aprendeu durante a infância que deveria agradar a todos os seus gostos. Ela se vê, assim, diante de uma rotina, de limpar, cozinhar, cuidar dos filhos. Como consequência, verifica-se uma exaustão, um cansaço em relação ao marido, ao casamento e a todos seus sonhos que de maneira cruel foram afogados por uma sociedade preconceituosa. A mulher nos séculos passados era vista como mero objeto de reprodução procriação, o sexo era visto como uma coisa pecaminosa. A mulher não podia sentir prazer. Mas na atualidade a mulher define sexo, em sua identidade, como algo que deve ser prazeroso. A respeito de poder e prazer, parece ser relevante lembrar as palavras de Foucault ao afirmar que o relacionamento sexual deve haver:

Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espionagem, espia, investiga, apalpa, revela; prazer de escapar a esse poder. Poder que se

⁴ LOURO, Guacira L. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Petrópolis: Vozes: 1997.

deixa invadir pelo prazer que persegue – poder que afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar, de resistir.⁵

Percebemos que nas palavras de Michel Foucault, a sexualidade é discursiva, fazendo sentido apenas quando inscrita na linguagem e no discurso em processo em que o saber e o poder se tornam inseparável.⁶

2 Quantas mulheres cabem dentro de uma só mulher?

Tantas quantas a imaginação permitir..., ou, quantas forem as possibilidades permitidas. Segundo Beauvoir, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.⁷ Ser mulher é uma construção social, consolidada a partir das relações interpessoais realizadas no tempo, espaço e contexto social no qual a mulher está inserida. Para saber como é tantas mulheres em uma só precisamos conhecer o conceito sobre identidade.

O conceito de identidade é muito complexo, pouco desenvolvido e compreendido na ciência social e contemporânea. A identidade permanece nas mudanças. Mediante a esse contexto percebemos que a dificuldade da reflexão consiste entender como as relações se constituem e se mantêm na sua realidade fundamental no meio às transformações históricas.

Diante de tais circunstâncias, Hall propõe três concepções diferentes de identidade.⁸ A primeira refere-se à identidade do Iluminismo, que estava baseada “numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação [...]. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa”. A segunda concepção de identidade é atribuída à identidade do sujeito sociológico, que “refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele”.⁹ Sendo assim, a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. Uma terceira concepção de identidade descrita por Hall refere-se ao sujeito fragmentado pós-moderno, caracterizado como não portador de uma identidade fixa, estável ou permanente. O sujeito assume identidades

⁵ FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: a vontade do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p.45.

⁶ FOUCAULT, 1985, p. 45.

⁷ BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p.9.

⁸ HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. Tradução Tomaz Silva e Guaracira Lopes Louro – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 10.

⁹ HALL, 2006, p. 12.

diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente.

[...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significações e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente.¹⁰

As mudanças advindas da sociedade como: movimentos feministas, as revoluções políticas econômicas contribuíram para que o papel desempenhado pela mulher na sociedade fosse totalmente modificado. Antes se via a mulher apenas como dona de casa, cuidando dos filhos, a verdadeira mulher Amélia submissa a tudo e a todos, esquecendo-se da sua própria felicidade. Hoje em dia a mulher é oposta a isso tudo. Galga uma carreira cada vez mais qualificada. A mulher moderna exige o seu reconhecimento e valorização. Tornou-se mais ousada e autoconfiante em busca da sua própria felicidade.

Sendo assim, a identidade feminina na pós-modernidade assume postura, tipicamente, capitalista, independente economicamente, que consome e dita às leis no mercado, inclusive nas relações com o sexo masculino. Não aceita mais ser a escolhida, deseja também ter o direito de escolha com as exigências de quem também detêm o poder em suas mãos. Essa nova mulher trabalha, possui salário próprio, sustenta-se e não depende do sexo masculino para sobreviver. Hall fala que “Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções”.¹¹ Seguindo as teorias já explicitadas nesse trabalho, quanto mais se multiplicam os sistemas de significação e de representação cultural.

Considerações finais

Os avanços dos papéis assumidos pela mulher chegaram a todos os níveis. Como vimos, a mulher ocupa um espaço no ambiente empresarial, que anteriormente era ocupado unicamente pela figura masculina.

A mulher, que no passado não muito distante sofria preconceito, atualmente é vista e entendida como o ser que é, podendo ser capaz de criar e até mesmo enredar a compreensão de sua própria existência, partindo de sua condição de ser, um ser capaz de se perceber na relação com o outro e com o mundo. A mulher ao longo do século XIX até os dias atuais superou várias barreiras, lutou por seus direitos com discursos discordantes, construiu resistências, conseguiu se

¹⁰ HALL, 2006, p. 13.

¹¹ HALL, 2006, p.13.

inserir no mercado de trabalho, provando que pode assumir grandes responsabilidades, sem perder a feminilidade. E, sobretudo, a ternura.

Referências

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CHUN, Chin-Ning. *A arte da guerra*. Tradução Neuza Capelo. Curitiba: Fundamento Institucional, 2003.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: a vontade do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. Tradução Tomaz Silva e Guacira Lopes Louro – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOURO, Guacira L. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Petrópolis: Vozes: 1997.

SILVA, T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VIEIRA, Josênia Antunes. A Identidade da Mulher na modernidade. *Delta [online]*. v. 21, n. spe, p. 207-238, 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012>>. Acesso em: 10 out. 2012.

[recebido em: novembro de 2012,
aceito em: dezembro de 2012]

A identidade da mulher no século XXI

Resumo

O presente trabalho foi fundamentado teoricamente reunindo reflexões sobre a identidade feminina a partir principalmente da leitura dos livros: *A identidade cultural na pós-modernidade*; *Identidade e diferenças*; *Arte da Guerra para Mulheres*. Procurando discutir de uma maneira teórica as estratégias para liberdade e realização profissional utilizada pelas mulheres do século XXI. Por meio de argumentos bibliográficos, percebemos algumas considerações sobre a condição da mulher e a compreensão dos processos vividos, visto que, o ser, num contexto geral apresenta o modo de ser mulher, mãe e profissional.

Palavras-chave:

Profissional. Identidade. Mulheres.

Woman's identity in the 21st century

Abstract

This work was substantiated theoretically combines reflections on female identity primarily from the reading of books: *Cultural identity in postmodernity*, *identity and difference*, *Art of War for Women*. It tries to look for a way to discuss theoretical strategies for freedom and professional achievement used by the women of the 21st century. Through bibliographical arguments, we realized some considerations about the status of women and the understanding of the processes experienced since, being, in a general context introduces how to be a woman, mother and professional.

Keywords:

Professional. Indentity. Women.